



CARLOS OSMAR BERTERO
FGV-EAESP
carlos.bertero@fgv.br

Educação e sustentabilidade

Sustentabilidade é um bom exemplo de migração. O conceito surgiu no domínio da ecologia e migrou para a esfera social e econômica. Atualmente falamos não apenas em sustentabilidade de ecossistemas, mas de sociedades e sistemas econômicos. Nosso país marchou de um vale depressivo, em que tínhamos inflação e estagnação, para um período de estabilidade que não parecia muito sustentável, ou que o seria apenas com baixas taxas de crescimento do produto: algo entre 2% e 3% anuais. Contudo, no início deste século passamos a ser o B dos BRICs, e começou a difundir-se a expectativa de nos recolocarmos na estratificação mundial, saindo da vala comum do Terceiro Mundo. A evolução esperada do nosso PIB nos projeta como um importante integrante da economia mundial, em meados deste século. Nesse cenário, a curiosidade se mescla à ansiedade, e a pergunta é inevitável: tornar-se-á o Brasil um país de Primeiro Mundo ainda no século XXI?

Um país de Primeiro Mundo manifesta seu poder em diferentes esferas: na econômica, pelo tamanho e composição de seu produto e por sua inserção nos fluxos de capital e no comércio internacional; na do conhecimento, pela liderança científica e tecnológica; na geopolítica, por seu poderio militar e pela qualidade e estabilidade de suas instituições. O Brasil, embora aprovado nos quesitos economia e geopolítica, fica em débito na esfera do conhecimento. E aqui temos uma dívida especial com a educação. Para ser um país economicamente grande, mas sem sofisticação tecnológica e científica, a educação não será uma necessidade. Mas se o país quiser ascender à centralidade mundial, educar

seu povo é uma necessidade urgente. É certo que as estatísticas apontam para pouco mais de 10% de analfabetos, contrastando com os 90% de 1900. A realidade é outra, porém, quando se apela para o critério do analfabetismo funcional. Estima-se que analfabetos funcionais e pessoas rudimentarmente alfabetizadas constituam 65% de nossa população adulta. Somando-se esses 65% aos 10% de analfabetos oficiais, temos nada menos que três quartos da população formados por indivíduos alijados do mundo do conhecimento e incapacitados de atuar numa economia fundamentada em serviços de qualidade. Ao longo do período republicano, os avanços em educação não chegam a impressionar, a não ser pela deficiência.

Alcançar a sustentabilidade na esfera social, com a difusão de uma autêntica cultura da cidadania, exige transformar essa população ainda predominantemente rude e tosca, que ignora seus direitos e deveres cívicos, tornando-a capaz de agir no contexto de instituições maduras. Portanto, a educação é indispensável.

Durante o século passado priorizamos o crescimento econômico acelerado, acreditando que a partir dele geraríamos inevitavelmente uma população educada e um quadro político, institucional e social maduro. O resultado é que temos hoje um dos maiores PIBs mundiais, mas uma população deseducada, instituições ainda frágeis e uma cultura política típica de republiquetas. Que a priorização da educação seja imediatamente adotada para que possamos saldar os débitos acumulados, sem o que teremos barrado o nosso ingresso no universo dos países de primeira classe. ✘